

# O desafio da virada do milênio

*Economia - Brasil*

14 DEZ 1999

GAZETA MERCANTIL

Os empresários brasileiros têm uma visão bem nítida dos desafios à sua frente nesta virada do milênio, depois de uma década de árdua adaptação da economia brasileira a mudanças profundas no cenário econômico mundial. Eles são basicamente otimistas quanto ao ano 2000. Acreditam na previsão do governo de que o Produto Interno Bruto (PIB) pode crescer 4%, ou até mais, no próximo ano, mas não escondem suas apreensões sobre a capacidade do País de ingressar em um ciclo de crescimento sustentado. Isso está condicionado, em seu entender, à continuidade do processo de reformas, com ênfase na reforma fiscal-tributária. Ao mesmo tempo, eles estão profundamente preocupados com a questão social.

Luiz Fernando Furlan, presidente do conselho de administração da Sadia S.A., reeleito neste ano Líder Empresarial Nacional no pleito promovido pela revista Balanço Anual, expressa muito bem essas posições. Dirigente de uma empresa que conseguiu elevar o valor de suas exportações neste ano, graças a um aumento substancial na tonelagem, ele está confiante em que, com uma melhora nas cotações das "commodities", o País poderá ampliar suas receitas cambiais de forma que obtenha um superávit na conta de comércio.

Como outras empresas brasileiras, a Sadia teve de reestruturar-se para fazer face a uma concorrência internacional mais acesa no mercado interno, mas superou o teste. Furlan prevê uma expansão sensível do mercado interno em 2000 e não crê que

a escassez de certos produtos agrícolas, como o milho, tenha um efeito mais que conjuntural. Se o governo controlar os preços públicos, principal fonte de pressão sobre os índices, a inflação não deve ser superior a um dígito.

A pergunta que Furlan e outros empresários hoje fazem é se o Brasil estará equipado para competir em um mercado internacional cada vez mais disputado, enquanto

**Os empresários estão otimistas, mas reivindicam mudança na estrutura tributária**

mantiver uma estrutura tributária que não dá segurança a seu setor exportador. O País, à custa de muitos sacrifícios, alcançou um superávit nas contas públicas, o que é garantia de sua credibilidade internacional. Mas o fez com base em um sistema tributário cheio de distorções, que se tem procurado corrigir por meio de medidas casuísticas. O que é preciso, dizem os empresários, é que se faça uma reforma, que, sem comprometer os bons resultados na área fiscal, torne a carga tributária mais equânime, combata com mais eficiência a sonegação e desonere as exportações. E o Líder Nacional considera isso possível, desde que o governo lidere esse processo.

No campo social, os empresários compreendem cada vez mais a necessidade de sua participação, como têm mostrado as atividades do Fórum de Líderes Empresariais Gazeta Mercantil, que tem en-

tre seus integrantes mais de 800 empresários que desde 1977 vêm sendo escolhidos diretamente pelos seus pares pelo destaque do trabalho desenvolvido em seus setores e em seus estados.

O combate ao desemprego e suas conseqüências deletérias, como o aumento do índice de criminalidade, têm sido constantemente discutidos por grupos temáticos que tratam especificamente da questão social ou de aspectos intimamente ligados a ela como políticas de desenvolvimento e a competitividade global. Os grupos temáticos têm procurado também incentivar a ação comunitária a partir das empresas, seus executivos e funcionários.

Nos últimos dois anos, o Fórum ganhou nova dimensão, passando a incluir os líderes empresariais do Mercosul, escolhidos por eleição direta pelos leitores da Gazeta Mercantil Latino-Americana. Foi criado, assim, um espaço permanente para debate entre empresários dos países do bloco, o que é de extrema utilidade para esclarecimento de posições e para a solução de divergências. Os desajustes causados pelas decisões macroeconômicas, como a livre flutuação do câmbio no Brasil, podem ser mais bem compreendidos dentro de um espírito de parceria, o que serve de base para a resolução de problemas nesse ou naquele setor.

O essencial é que os empresários do bloco possam estreitar os contatos, como membros da mesma comunidade, que hoje abrange os quatro países membros do Mercosul e amanhã certamente abarácará todos os países da América do Sul. ■